

Corpo e psicose na leitura de Lacan do caso Schreber

Daniele França dos S. Ferreira¹

Richard Theisen Simanke²

Resumo

A temática do corpo é um assunto bastante recorrente na teoria lacaniana. A relação do sujeito com o corpo, para Lacan, é duplamente mediada pela imagem e pelo significante, tal como se expressa em dois momentos emblemáticos de seu ensino. Num primeiro momento, na teorização sobre o estágio do espelho, o principal operador da subjetivação do corpo é a imagem, e a constituição do sujeito é pensada, sobretudo, no registro do imaginário. Num segundo momento, Lacan privilegia o registro do simbólico e o significante se torna o mediador por excelência da relação do sujeito com o corpo, agora concebido, acima de tudo, como um suporte para as operações da letra. Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa é refletir sobre a questão do corpo na teorização sobre as psicoses, a partir da leitura de Lacan do caso Schreber, o qual foi escolhido por sua relevância na formulação da teoria lacaniana das psicoses e também devido ao destaque que os sintomas corporais têm na sintomatologia do caso. Esta investigação, de natureza teórico-conceitual, dedica-se à análise do *Seminário 3* de Jacques Lacan (1955-1956/1985), com ênfase especial em sua leitura e interpretação das *Memórias de Schreber*. O estudo também examina a forma como Lacan retoma, tensiona e reinterpreta a abordagem freudiana do caso, promovendo deslocamentos fundamentais na compreensão da psicose à luz do campo do significante. Partindo do caso Schreber, Lacan conclui que os sintomas e fenômenos que envolvem o sujeito psicótico e o seu corpo podem ser concebidos como tentativas de estabilização, que fazem suplência à falta do significante paterno, quando não é possível uma intermediação do aparelho simbólico.

Palavras-chave: Corpo, Psicose, Lacan, Schreber.

1 Psicóloga (CRP 04/58695). Aluna no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF (Minas Gerais, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6907-0496>. E-mail: dfrancapsicologia@gmail.com.

2 Professor titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF (Minas Gerais, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6405-8776>. E-mail: richardsimanke@uol.com.br.

Introdução

Em 1902, Daniel Paul Schreber, juiz-presidente da Corte de Apelação de Dresden, no leste da Alemanha, que havia sido internado numa instituição psiquiátrica por nove anos, conseguiu algo sem precedentes: escreveu a própria defesa para sair do asilo e conquistou a revogação de sua tutela. A principal evidência que ele apresentou no recurso foi sua autobiografia, posteriormente publicada pela excêntrica editora Oswald Mutze, de Leipzig, sob o nome de *Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken* (ou como foi traduzido por Marilene Carone, no Brasil: *Memórias de um doente de nervos*). Desde então, ele teve muitos leitores, entre os quais figuram grandes personalidades, como Freud e Lacan, que abordaram as *Memórias...* de Schreber como um caso clínico e o usaram para engendrar suas teorias a respeito das psicoses.

A originalidade vista no caso Schreber se deve ao impressionante fato de que, muito raramente, um caso tão agudo evolui de maneira a permitir que o sujeito relate, de próprio punho, suas construções delirantes. Não obstante, essa exposição é feita com uma minúcia e objetividade que produzem um interessante contraste entre uma temática ao mesmo tempo religiosa, médica e escatológica (nos dois sentidos) e uma forma vazada na mais convencional linguagem acadêmica, própria de um jurista alemão de formação puritana e tradicional. A escrita singular de Schreber foi encarecida por Lacan, cujo endosso terminou por consagrar seu livro de memórias como um clássico da literatura psicanalítica.

O título deste trabalho contém dois termos, “corpo” e “psicose”, que, separadamente, poderiam ser fios condutores de uma leitura completa dos escritos e seminários de Lacan. Todavia, por motivos metodológicos, este estudo se restringe a apresentar um recorte de como ambos os conceitos são progressivamente introduzidos e desenvolvidos por Lacan na primeira metade da década de 1950. Optou-se, neste texto, principalmente, pelo uso de fontes primárias para fundamentá-lo. Não se negligencia aqui o mérito da literatura secundária, mas reconhece-se o valor do texto clássico para a discussão do problema de pesquisa.

À luz disso, o propósito deste artigo, de caráter eminentemente bibliográfico, é investigar o problema da corporeidade na teorização sobre as psicoses, a partir da interpretação que Lacan faz do caso Schreber – escolha que se justifica por sua relevância na elaboração da teoria lacaniana das psicoses e também pela importância que o corpo tem na sintomatologia do caso.

Todo estudo teórico de qualidade deve começar com uma definição clara e precisa do objeto de pesquisa. Contudo, diante do obstáculo de se propor uma definição conceitual única e exata para “corpo” em Lacan, essa conceituação será continuamente reiterada no decorrer do texto, a depender do período de sua obra na qual é referida. Decerto, os elementos da metapsicologia de Lacan têm os sentidos alterados de acordo com os projetos aos quais ele está filiado em cada momento de sua bibliografia. Em síntese, identifica-se um primeiro momento (circa 1930) na ainda incipiente teoria lacaniana do imaginário, organizada ao redor do conceito do Estágio do Espelho, no qual o corpo comparece na teoria primordialmente como a imagem do corpo – em outras palavras, o corpo real, biológico, só se torna “próprio” por meio de sua imagem. Já num segundo momento, quando o registro lacaniano do simbólico

é privilegiado em sua retórica – no panorama de seu alinhamento com o estruturalismo –, o corpo aparece como suporte da letra, isto é, como o real a ser trabalhado pelo significante na produção do sujeito.

Esse segundo momento corresponde à formulação de sua clássica teoria das psicoses, tal como se observa exemplarmente no *Seminário, Livro 3: As psicoses* (Lacan, 1955-1956/1985), que se apresenta aqui como principal fundamento para a interpretação do sentido e dos desdobramentos dos conceitos de psicose e corpo na psicanálise de Lacan. Nesse seminário, a abordagem das psicoses que Lacan propõe participa decisivamente do movimento de revisão de seu aparato metapsicológico: o corpo do sujeito, que antes comparecia na teoria fundamentalmente por intermédio da mediação da imagem, passa a ser pensado pela perspectiva do simbólico e do significante e, no limite, reduzido à sua estrutura.

O seminário sobre as psicoses

Lacan começa o seminário discutindo a nosologia das psicoses, divididas, até então, na dicotomia kraepeliniana em paranoias ou parafrenias, segundo a escola alemã de psiquiatria. Desde os primórdios de sua formação como psiquiatra, Lacan se opusera às concepções oitocentistas da paranoia e da psicose em geral, propondo uma série de hipóteses alternativas que, cada vez mais, o afastaram da psiquiatria tradicional.

O que abrange o termo psicose no domínio psiquiátrico? Psicose não é demência. As psicoses são, se quiserem – não há razão para se dar ao luxo de recusar empregar este termo –, o que corresponde àquilo a que sempre se chamou, e a que legitimamente continua se chamando, as *loucuras*. É nesse domínio que Freud faz a partilha (Lacan, 1955-1956/1985, p. 12, grifo do autor).

Também distanciando-se de Freud, que usa a terminologia *dementia paranoides*, de Kraepelin, para designar o caso, Lacan reconhece que Schreber é paranoico, mesmo que inicialmente seja observada uma fase esquizofrênica com presença de sintomas hipocondríacos.

O discurso de Schreber tem seguramente uma estrutura diferente. Schreber nota, no início de um de seus capítulos, muito humoristicamente – *Dizem que eu sou paranoico*. Com efeito, naquela época, mal nos havíamos libertado suficientemente da primeira classificação kraepeliniana para qualificá-lo de paranoico, enquanto seus sintomas vão muito mais longe. Mas, quando Freud o nomeia parafrênico, vai ainda mais longe, pois a parafrenia é o nome que Freud propõe para a demência precoce, a esquizofrenia de Bleuler (Lacan, 1955-1956/1985, p. 157, grifos do autor).

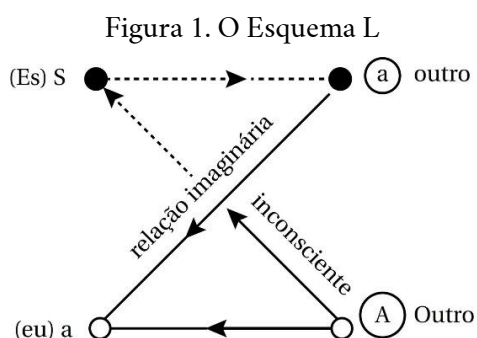
Grosso modo, Lacan (1955-1956/1985) considera que a esquizofrenia estaria mais próxima do corpo despedaçado e autoerótico que constitui o eu antes do Estágio do Espelho, ao passo que a paranoia estaria mais perto do eixo imaginário que marca os primeiros movimentos da constituição do eu. Nessa direção, fica estabelecida também uma categoria de maior organização tanto do campo de realidade quanto do que diz respeito ao estatuto do corpo, uma vez que, no caso da esquizofrenia, o corpo está na condição do autoerotismo e,

no caso da paranoia, há uma maior unidade corporal. Lacan dirá, mais à frente, que: “Todo o mundo sabe, com a condição de que se seja psiquiatra, que, num paranoico bem constituído, não se pode falar em mobilizar esse investimento, enquanto, nos esquizofrênicos, *a desordem propriamente psicótica vai em princípio muito mais longe que nos paranoicos*” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 169, grifos nossos).

Vê-se, nessa diferenciação feita por Lacan entre a paranoia e a esquizofrenia, que o problema do eu e sua função imaginária continua sendo uma pauta importante em seus estudos, a exemplo dos primeiro e segundo seminários. A esse ponto de sua teoria, Lacan já está convencido de que o eu se constitui, inicialmente, no campo do pequeno outro, o que, no Esquema L, introduzido no ano anterior, é representado pelo eixo imaginário entre a e a' :

Os polos imaginários do sujeito, a e a' , recobrem a relação dita especular, a do estágio do espelho. O sujeito, na corporeidade e na multiplicidade de seu organismo, em seu espedaçamento natural, que está em a' , se refere a essa unidade imaginária que é o eu, a , onde ele se conhece e se desconhece e que é aquilo de que ele fala – ele não sabe a quem, já que não sabe tampouco quem nele fala (Lacan, 1955-1956/1985, pp. 185-186).

O Esquema L é relembrado por Lacan (1955-1956/1985) nas páginas iniciais do terceiro seminário, agora voltado às psicoses. Perguntando-se sobre a natureza do fenômeno alucinatório, ele atribui uma distinção essencial: “a origem do recalcado neurótico não se situa no simbólico no mesmo nível de história que o do recalcado de que se trata na psicose” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 23). É com vista nisso que Lacan se ocupará, pelo resto do seminário, a explicar a questão central da psicose: a não ordenação do real pela estrutura simbólica e a importância do recurso imaginário para fazer suplência a essa não entrada do simbólico.



Fonte: Lacan, 1955-1956/1985, p. 22.

Lacan (1955-1956/1985, p. 20) adverte que “é clássico dizer que, na psicose, o inconsciente está à superfície, é consciente”, mas isso não lhe parece ter grande efeito em ser articulado. Ele reformula esse bordão afirmando que o testemunho do inconsciente, na psicose, é mais direto e radical do que quando comparado à neurose. Lacan demonstra isso por meio do Esquema L: a linha que liga S-A não é interrompida – entre o sujeito e o Outro (simbólico), não há interdição, o sujeito não é barrado e o discurso inconsciente é contínuo, revelado sem intervalo, sem suspensão. Assim, o psicótico faz o seu testemunho de forma explícita, enquanto o testemunho do neurótico se faz de forma encoberta.

É o mesmo caso do esquema do ano passado, no que concerne à alucinação verbal. Nosso esquema, lembro isso a vocês, figura a interrupção da palavra plena entre o sujeito e o Outro e seu desvio pelos dois eu, *a* e *a'*, e suas relações imaginárias. Uma triplicidade está aqui indicada no sujeito, que abrange o fato de que é o eu do sujeito que fala normalmente a um outro, e do sujeito, do sujeito *S*, em terceira pessoa. Aristóteles observava que não convém dizer que o homem pensa, mas que ele pensa com sua alma. Da mesma maneira, eu digo que o sujeito se fala com o seu eu (Lacan, 1955-1956/1985, p. 23, grifos do autor).

No sujeito neurótico, falar com o seu eu nunca é plenamente explicitável – sua relação com o eu é, sobretudo, ambígua, toda assunção do eu é revogável. Ao contrário, no sujeito psicótico, certos fenômenos elementares, em especial a alucinação, que é a sua forma mais característica, mostram o sujeito completamente identificado ao seu eu com o qual ele fala – ou o eu totalmente assumido de modo instrumental.

É ele que fala dele, o sujeito, o *S*, nos dois sentidos equívocos do termo, a inicial *S* e o *Es* alemão. É justamente o que se apresenta no fenômeno da alucinação verbal. No momento em que ela aparece no real, isto é, acompanhada desse sentimento de realidade que é a *característica fundamental do fenômeno elementar*, o sujeito fala literalmente com o seu eu, e é como se um terceiro, seu substituto de reserva, falasse e comentasse sua atividade (Lacan, 1955-1956/1985, p. 23, grifos nossos).

Os fenômenos elementares, frequentemente descritos como automatismos mentais e corporais – nos quais o indivíduo sente que seus pensamentos, ações ou percepções estão sendo controlados ou influenciados por forças externas –, ainda que advindos de uma tradição clínica cujos pressupostos epistemológicos Lacan combatia frontalmente, participam de sua tentativa de situar as psicoses em relação aos três registros do Simbólico, do Imaginário e do Real. Esses fenômenos eram considerados como elementos por constituírem as unidades mais simples que compõem o processo psicopatológico, ideia que advém de uma semiologia atomística, estreitamente ligada a uma determinada conceituação no organicismo – o mecanicismo –, o qual buscava o fundamento da doença na hipótese da ocorrência de uma lesão pontual (Simanke, 2002, p. 35).

Explicáveis somente por um processo orgânico inicial e compreendidos por Clérambault – a quem Lacan chama de mestre – como os primeiros sinais da psicose, os sintomas do Automatismo Mental se caracterizam por serem mecânicos, atemáticos e anideicos. A formulação de Clérambault atingiu o pensamento de Lacan e possibilitou-lhe construir uma doutrina sobre o fenômeno elementar, cuja concepção se constituiu num dos alicerces da teoria lacaniana sobre a psicose. Convicto de seus propósitos estruturalistas e influenciado pelas ideias de Clérambault, Lacan argumenta que a noção de elemento não é distinta à de estrutura, irreduzível a outra coisa que não ela mesma.

O importante do fenômeno elementar não é, portanto, ser um núcleo inicial, um ponto parasitário, como Clérambault se exprimia, no interior da personalidade, em tomo do qual o sujeito faria uma construção, uma reação fibrosa destinada a enquistá-lo envolvendo-o, e ao mesmo tempo integrá-lo, isto é, explicá-lo como dizem frequentemente. O delírio não é deduzido, ele reproduz a sua própria força constituinte, é, ele também,

um fenômeno elementar. Isso quer dizer que *a noção de elemento não deve ser tomada aí de modo diferente da de estrutura [...]* (Lacan, 1955-1956/1985, p. 28, grifos nossos).

A partir daí, os fenômenos elementares, cuja definição e uso nunca foram consensuais na psiquiatria do século XIX, recebem por parte de Lacan uma nova roupagem, sendo alçados ao estatuto de peça-chave na designação da psicose. Lacan julga ser indispensável a presença de alterações da ordem da linguagem para que se estabeleça um diagnóstico de psicose. Não poderia ser diferente: se o conceito lacaniano de inconsciente é “estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 139), a psicose vai depender, acima de tudo, de um fenômeno de linguagem. “É o registro da fala que cria toda a riqueza da fenomenologia da psicose, é aí que vemos todos os seus aspectos, as suas decomposições, as suas refrações. A alucinação verbal, que é aí fundamental, é justamente um dos fenômenos mais problemáticos da fala” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 47).

É dessa maneira que os fenômenos elementares atestam – por uma rota completamente nova – a suposição lacaniana de que a psicose seria não uma doença mental de origem orgânica, mas um modo muito particular de relação do sujeito com a linguagem. Se assim for, o registro mais adequado de tratamento do problema da psicose é o campo da fala e da linguagem, ao que Lacan (1955-1956/1985, p. 167) aponta: “a promoção, a valorização na psicose dos fenômenos de linguagem é para nós o mais fecundo dos ensinamentos”.

***Bejahung, verwerfung* e o nascer psicótico**

O que se observa em seguida é que o estruturalismo e a teoria linguística fornecem a Lacan uma base conceitual para repaginar certos pressupostos freudianos – naturalmente, de uma perspectiva nada ortodoxa. Nesse momento, Lacan está promovendo sua agenda de retorno à obra de Freud, que ele havia anunciado apenas poucos anos antes do seminário sobre as psicoses, no discurso de Roma, *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (Lacan, 1953/1998). Nessa conferência capital, como o título sugere, Lacan discute justamente a entrada do sujeito no campo da fala e da linguagem. Sublinha-se:

Pela palavra, que já é uma presença feita de ausência, *a ausência mesma vem a se nomear* em um momento original cuja perpétua recriação do talento de Freud captou na brincadeira da criança. E desse par modulado da presença e da ausência [...] nasce o universo de sentido de uma língua, no qual o universo das coisas vem se dispor (Lacan, 1953/1998, p. 276, grifos nossos).

Algumas coisas interessantes podem ser extraídas dessa citação. Lacan se refere à brincadeira do *fort-da*, expressão criada em *Além do princípio do prazer*, publicação de grande notoriedade, por ser o primeiro trabalho em que Freud (1920/2010) veicula a problemática da pulsão de morte. A partir da concepção freudiana, o organismo apresenta uma tendência a regressar ao estado inorgânico, manifestando-se por meio da repetição de comportamentos que expressam a busca pela morte de maneira própria e singular. O famoso jogo do *fort-da* foi descrito por Freud como uma brincadeira que consiste na desaparecimento e surgimento de um determinado objeto – no caso, um carretel que seria lançado e depois recuperado. Freud interpreta o *fort-da* como uma encenação das partidas e retornos da figura materna,

o que torna possível que o bebê “deixe a mãe ir”, pois, agora, ele próprio pode encenar o desaparecimento e o retorno dos objetos ao seu redor.

O infante reviveria a ausência e presença materna por meio desse objeto. Isso, na visão de Lacan, possibilitaria que a criança representasse simbolicamente os desaparecimentos e ressurgimentos da mãe. Numa tradução lacaniana, ao fazê-lo, a criança inverte o abandono sofrido pela mãe, numa espécie de controle simbólico do objeto perdido. A brincadeira do *fort-da* permite que o *infans* (do latim *in-fans*, “aquele que não fala”) saia da posição passiva – encontrada na alienação – e resulta na constatação da ausência e na elaboração da falta. Se a criança tem o objeto representado pela linguagem, então pode substituí-lo. É a designação simbólica da renúncia daquele objeto perdido. “Foram esses jogos de ocultação que Freud, numa intuição genial, produziu, a nosso ver, para que neles reconheçêssemos que o momento em que o desejo se humaniza é também aquele em que a criança nasce para a linguagem” (Lacan, 1953/1998, p. 320, grifos nossos).

Mas, para que algo possa ser simbolizado, precisa ser antes afirmado. No seminário sobre as psicoses, Lacan indica que, atrás do processo de verbalização, há uma *Bejahung* inaugural, uma afirmação primordial, decisória na constituição do sujeito e sua determinação pela linguagem. Seria uma admissão no sentido do simbólico – a inscrição de um traço como *Bejahung*. Lacan destaca que se Freud insistentemente aborda o Complexo de Édipo é porque a Lei, como princípio de simbolização, estaria ali desde o início. A Lei não se refere apenas à questão das origens, mas à Lei fundamental da simbolização. O Complexo de Édipo é um exemplo dessa Lei de simbolização.

A simbolização, em outras palavras, a Lei, desempenha aí um papel primordial. Se Freud insistiu a tal ponto no complexo de Édipo, que chegou até a construir uma sociologia de totens e tabus, é patentemente porque para ele a Lei está ali *ab origine*. Não se trata, por conseguinte, de se colocar a questão das origens – a Lei está justamente ali desde o início, desde sempre, e a sexualidade humana deve se realizar por meio e através dela. Essa Lei fundamental é simplesmente uma Lei de simbolização. É o que o Édipo quer dizer (Lacan, 1955-1956/1985, p. 100).

O Complexo de Édipo entra aqui como o esteio no qual se desenrola a operação metafórica que situa o pai como representante da Lei que ordena simbolicamente a castração. A função do pai na teoria lacaniana não é apenas biológica, mas simbólica. O pai intervém em diversos planos – antes de mais nada interdita a mãe. Esse é o fundamento do Complexo de Édipo, em que o pai se liga à Lei primordial da proibição do incesto. Toda a viabilidade do Édipo se dá fundada no recalque originário do significante do desejo da mãe. O resultado é a substituição pelo significante paterno, que Lacan articula à travessia edipiana mediante o que intitulou Nome-do-Pai. Em francês, Lacan joga com a homofonia e o sentido das expressões “*le nom du père*” (“o nome do pai”) e “*le non du père*” (o “não do pai”) para conotar a relação entre o significante da função paterna (o “Nome-do-Pai”) que é reprimido na saída neurótica do Complexo de Édipo e o papel do pai como agente da Lei e da interdição (aquele que diz “não”).

Em outros termos, o significante limitador do pai tem como função substituir e cercear o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno. Torna-se, assim, inconsciente o significante do desejo da mãe (S1), pois foi objeto do recalque originário, isto

é, só foi recalçado em virtude da substituição pelo significante paterno (S₂) – substituição que é da ordem da metáfora. Tal é a estrutura da neurose para Lacan.

O que é o recalque para o neurótico? É uma língua, uma outra língua que ele fabrica com seus sintomas, isto é, se é um histérico ou um obsessivo, com a dialética imaginária dele e do outro. O sintoma neurótico desempenha o papel da língua que permite exprimir o recalque. É justamente aquilo que nos faz ver claramente que o recalque e o retorno do recalçado são uma só e mesma coisa, o direito e o avesso de um só e mesmo processo (Lacan, 1955-1956/1985, p. 75).

Em contrapartida, a estrutura psicótica resultaria de uma falta da função paterna no Complexo de Édipo, e Lacan pensa a desordem desse processo a partir do suposto uso conceitual de Freud do termo *Verwerfung* – que ele inicialmente traduz por *refus* ou *rejet*, recusa ou rejeição, e depois, inspirado no vocabulário jurídico francês, elabora como *forclusion*, foraclusão. Lacan (1955-1956/1985, p. 177) mesmo admite que Freud não utiliza essa palavra muitas vezes e que foi buscá-la “nos dois ou três cantos onde ela se deixa surpreender, e mesmo algumas vezes ali onde ela não se deixa, mas onde a compreensão do texto exige que ela seja suposta”. “Ao nível dessa *Bejahung* pura, primitiva, que pode realizar-se ou não, estabelece-se uma primeira dicotomia – o que teria sido submetido à *Bejahung*, à simbolização primitiva, terá diversos destinos, o que cai sob o golpe da *Verwerfung* primitiva terá outro” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 98).

A *Verwerfung* forma um par dicotômico com a *Bejahung*. Na psicose não ocorre a *Bejahung*, o acesso ao simbólico, ou seja, o sujeito não sofre uma primeira representação, uma vez que o significante foi foracluído. O Édipo, como Lei de simbolização, fracassa, e o significante do Nome-do-Pai não se inscreve como falta simbólica no Outro, deixando de intervir como corte – não há interrupção na linha S-A no Esquema L. Mais importante, o Nome-do-Pai, como significante mestre, é também o que demarca a aquisição de um estatuto de corpo. Na hipótese lacaniana, cabe ao Nome-do-Pai, como significante primordial, sustentar a imagem do corpo e organizar aquilo que o sujeito reconhece como seu próprio corpo. Daqui se tem como referência o corpo inscrito pelo simbólico; ou seja, para haver um corpo, deve-se passar por uma operação simbólica de corte – efetivada pelo significante sobre a carne.

Logo, o Nome-do-Pai é o elemento que permite a construção de uma ordem simbólica coerente, fundamental para a inserção do indivíduo na linguagem e na cultura, o que não se segue à *Verwerfung*, quando o Nome-do-Pai é recusado ou excluído do campo simbólico do sujeito, não sendo integrado à estrutura psíquica. Explorando essa ideia, Lacan conceitua o termo *Verwerfung* da seguinte forma:

Trata-se da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível. Eis o mecanismo fundamental que suponho na base da paranoia. Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante (Lacan, 1955-1956/1985, p. 174).

Percebe-se nesse excerto que Lacan endossa uma explícita redução da corporeidade à linguagem e ao significante. À época, da maneira como isso se apresentava para Lacan, o corpo deveria ser entendido como superfície, sulcado pelo traço e habitado pelos significantes. O psicótico seria habitado, possuído pela linguagem – diferentemente do neurótico, que habita

a linguagem devido ao recalque, mecanismo que reintegra os significantes ao inconsciente via simbólico.

Como não ver na fenomenologia da psicose que *tudo, do começo ao fim, se deve a uma certa relação com essa linguagem*, de uma só vez promovida ao primeiro plano da cena, que fala sozinha, em voz alta, com seu ruído, seu furor, bem como com sua neutralidade? Se o neurótico habita a linguagem o psicótico é habitado, possuído pela linguagem (Lacan, 1955-1956/1985, p. 284, grifos nossos).

Vê-se, por exemplo, que a convicção (nada incomum) de que os órgãos do corpo estão se transformando, mudando de forma ou função é um fenômeno elementar importante na psicose. Há na fala uma referência frequente às partes internas do corpo, principalmente num viés hipocondríaco, o que Freud havia designado como a “fala de órgão”, ou “linguagem de órgão” (Caropreso & Simanke, 2006). É o que se observa no caso Schreber:

O que vemos desde o início são sintomas, primeiramente hipocondríacos, que são sintomas psicóticos. Encontra-se aí sem dificuldade esse algo de particular que está no fundo tanto da relação psicótica como dos fenômenos psicossomáticos com os quais essa clínica se ocupou de modo todo especial, e que para ela são certamente a via de introdução à fenomenologia desse caso. É aí que ela pôde ter a apreensão direta de fenômenos estruturados de modo bem diferente do que se passa nas neuroses, a saber, onde há não sei que impressão ou inscrição direta de uma característica, e mesmo, em certos casos, de um conflito, *no que se pode chamar o quadro material que apresenta o sujeito enquanto ser corpóreo* (Lacan, 1955-1956/1985, p. 352, grifos nossos).

O relato de Schreber revela como o corpo e a linguagem se entrelaçam na psicose, com o sujeito impossibilitado de organizar sua corporeidade devido à falha no simbólico. Lacan encontrará nas *Memórias...* uma oportunidade para legitimar sua teoria dos significantes – nem mesmo o fato de que a análise do caso se baseia no texto escrito lhe escapa:

Temos a sorte de ter aí um homem que nos comunica todo o seu sistema delirante, e num momento em que este chegou ao seu pleno desabrochar. [...] *Vocês apreenderão como se modificam os diferentes elementos de um sistema construído em função das coordenadas da linguagem*. Essa abordagem é certamente legítima, em se tratando de um caso que só nos é dado por um livro, e é o que nos permitirá reconstituir eficazmente a sua dinâmica (Lacan, 1955-1956/1985, p. 69, grifos nossos).

Em suas *Memórias...*, Schreber fala de experiências que evidenciam uma relação visceralmente conflituosa com seu corpo, marcada pela fragmentação e pela sensação de transformação constante. Essas vivências, na visão lacaniana, exemplificam a falha na função do Nome-do-Pai, impedindo o pleno estabelecimento da organização simbólica do corpo e resultando em fenômenos psicóticos que serão analisados a seguir, conforme programado, com base no caso Schreber.

O relato (psicótico) de um jurista alemão: o caso Schreber

Para melhor entender a história clínica de Schreber, faz-se necessária a exposição de um resumo cronológico da vida do jurista alemão.

Tabela 1. Biografia de Schreber (1842-1891)

Ano	Evento
1842	Nascimento de Daniel Paul Schreber em Leipzig, em 25 de julho.
1858	Seu pai sofre um acidente que causa lesões cerebrais irreversíveis.
1861	Falecimento do pai devido a uma obstrução intestinal, após apresentar um quadro clínico de neurose obsessiva severa com impulsos homicidas.
1877	Seu irmão, Daniel Gustav, suicida-se aos 38 anos.
1878	Schreber casa-se com Ottilie Sabine Behr, que tem diabetes e teve seis abortos espontâneos.
1884	Nomeado vice-presidente do Tribunal Regional de Chemnitz. Em outubro, é derrotado nas eleições parlamentares e, em dezembro, é internado na clínica da Universidade de Leipzig por hipocondria.
1885	Recebe alta hospitalar em junho e continua em convalescença até o fim do ano.
1886	Retoma as atividades profissionais como juiz-presidente do Tribunal Regional de Leipzig.
1888	Recebe a Cruz de Cavaleiro de primeira classe.
1889	Nomeado presidente do Tribunal de Freiberg e muda-se para essa cidade.
1891	É eleito membro do Colégio Distrital de Freiberg.
1892	É reeleito membro do Colégio Distrital de Freiberg para um segundo mandato.
1893	Nomeado Presidente da Corte de Apelação de Dresden. Em novembro, consulta o professor Flechsig devido à ansiedade e insônia persistentes. Sem melhora, é novamente internado na clínica da Universidade de Leipzig.
1894	Colocado sob curatela provisória devido a uma doença mental. É internado no Hospital de Lindenhof e, posteriormente, no sanatório de Sonnenstein, onde permanecerá até 1902 com diagnóstico de <i>dementia paranoides</i> .
1899	Inicia um processo para recuperar a capacidade civil.
1900	Redige os 23 capítulos das <i>Memórias</i> . Em março, seu pedido de levantamento da curatela é rejeitado e ele recorre da decisão. Entre junho de 1900 e outubro de 1901, escreve a primeira série de suplementos às <i>Memórias</i> .
1902	Em julho, a Corte de Apelação revoga a interdição e Schreber recupera a capacidade civil. Recebe alta hospitalar em dezembro.
1903	Endereça uma carta aberta ao professor Flechsig. Adota uma menina de 13 anos. Publicação das <i>Memórias de um doente dos nervos</i> , com cortes e a supressão de um capítulo.
1907	Falecimento de sua mãe aos 92 anos. Em novembro, sua esposa sofre um acidente vascular cerebral e Schreber, em crise, é internado no sanatório de Dösen.
1914	Schreber falece em 14 de abril, aos 69 anos, no sanatório de Dösen.

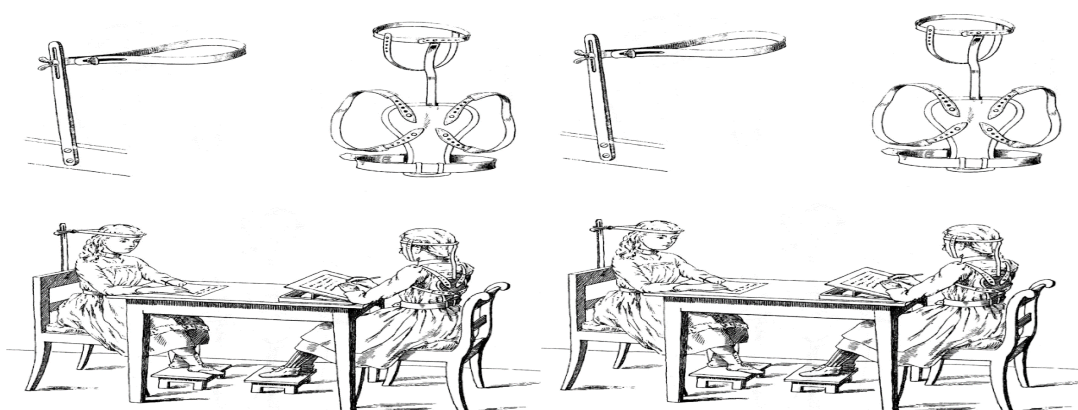
Fonte: Carone, 1984.

Da biografia de Schreber, três fragmentos merecem atenção. Primeiramente, a derrota nas eleições para o *Reichstag* (assembleia regional), no ano de 1884, que desencadeou seu primeiro colapso nervoso e culminou numa estada de seis meses no Hospital Psiquiátrico da Universidade de Leipzig, tendo sido assistido nesse período pelo Dr. Flechsig. Em segundo, a sequência de abortos espontâneos sofridos pela esposa, Ottilie Sabine, e a frustração de Schreber quanto às expectativas de paternidade. E, terceiro, a nomeação, em junho de

1893, para o cargo de *Senatspräsident*, juiz-presidente da terceira vara da Suprema Corte de Apelação. Sobre o último, Schreber atesta que, pouco após a nomeação, quando já em processo de deterioração psicótica, teve um pensamento enquanto estava semiadormecido – “a ideia de que deveria ser realmente bom ser uma mulher se submetendo ao coito” (Schreber, 1905/1984, p. 45) –, algo que ele, em retrospecto, supõe ter dado início ao delírio de feminilidade e à confusão de identidade que estariam por vir.

A respeito do núcleo familiar de Schreber, muito se discute acerca da controversa carreira médica do pai – o ortopedista Dr. Daniel Gottlieb Moritz Schreber – e a criação impetuosa à qual o submeteu, cujas práticas pedagógicas e equipamentos ortopédicos supostamente levaram à predisposição psicótica do filho. Não depõe a seu favor o fato de que o irmão mais velho de Schreber – Gustav – suicidou-se com um tiro em 1877, aos 38 anos de idade.

Figura 2. *Geradehalter* (em uso)



Fonte: Lacan Circle of Melbourne (2013).

O Dr. Schreber foi o idealizador do Ginástica Médica – uma espécie de manual destinado a pais e pedagogos com orientações ortopédicas e higiênicas para a educação do corpo. Até os dias de hoje, o sobrenome Schreber é conhecido na Alemanha sobretudo pelas pequenas hortas urbanas – os *Schrebergärten* – que pontilham os perímetros das cidades alemãs e receberam seu nome em homenagem a Moritz Schreber. Seus textos sobre saúde pública e os benefícios do ar puro e do exercício inspiraram a criação desses jardins no fim do século XIX.

Contudo, as ações do Dr. Moritz Schreber iam além do simples incentivo à jardinagem. Na verdade, o sistema educacional proposto pelo Dr. Schreber se resumia a aplicar a máxima pressão e coerção nos primeiros anos de vida da criança. A promoção da saúde física e mental seria alcançada ao submeter a criança a um rigoroso esquema de treinamento físico intensivo e exercícios musculares sistemáticos, aliados a medidas de contenção emocional. Quanto à mãe de Schreber, embora tenha vivido 92 anos e, portanto, acompanhado toda a doença do filho, manteve-se afetivamente distante, o que os principais biógrafos deduzem pela ausência de correspondência com o filho.

Na autobiografia, Schreber (1905/1984) se descreve, já adulto e em surto, como vítima de uma conspiração cujo principal mentor era, inicialmente, seu psiquiatra, Dr. Flechsig – de quem estava sob cuidados desde 1884, quando teve o que chamou de sua “primeira doença” – e, depois, Deus. O objetivo dessa conspiração seria, primeiro, transformá-lo em mulher; em seguida, cometer o que chama de “assassinato de alma”. Repete-se em seu relato a expressão “Ordem do Mundo”, que, na perseguição sexual, está sendo contrariada. Além disso, Schreber ouve vozes ou “pássaros miraculados” que lhe falam continuamente na “língua fundamental”, um alemão arcaico e eufemístico.

Aos poucos, o delírio persecutório sexual começa a enlaçar outros elementos e a tornar-se mais complexo, assumindo outro formato e dando contornos a um segundo momento, que consiste em um delírio persecutório sexual articulado a pensamentos religiosos e megalomaníacos. Schreber acreditava ser o único capaz de salvar a humanidade e, para isso, se transformaria em mulher para ser divinamente fecundado e gerar uma nova raça de schrebianos, os quais viriam a purificar o mundo.

Na verdade, Schreber constrói todo um vasto sistema cosmoteológico, dando dimensões metafísicas ao seu delírio, fabricando um mundo em que as almas são constituídas por “nervos”, assim como o próprio Deus, cujos nervos denominam-se “raios”. Ato contínuo, Deus não poupa esforços para consumir o assassinato da alma de Schreber, perpetrando todo tipo de barbaridades em seu corpo, alterando drasticamente suas vísceras, constantemente violando-o e manipulando-o por meio de suas entranhas.

Verifica-se que os delírios de Schreber servem sistematicamente de evidência para a tese lacaniana da subordinação do corpo à linguagem, segundo a qual, como exposto no tópico anterior, apenas por intermédio dessa última a corporeidade pode agir na constituição do sujeito e em seus processos. Lacan encontra solo fértil para isso observando que, desde o início das alterações vividas por Schreber, há uma significativa perturbação de sua experiência corporal – e que seu vocabulário diz muito sobre isso.

O próprio Schreber sublinha sem cessar a originalidade de certos termos de seu discurso. Quando ele nos fala, por exemplo, de *Nervenhang*, de adjunção de nervos, ele precisa bem que essa palavra foi dita a ele pelas almas examinadas ou pelos raios divinos. São palavras-chaves, e ele próprio nota que nunca teria achado a sua fórmula, palavras originais, palavras plenas, bem diferentes das palavras que emprega para comunicar a sua experiência. Ele próprio não se engana nesse particular, existem aí planos diferentes (Lacan, 1955-1956/1985, p. 43).

Lacan apreende que, no nível do significante, em seu caráter material, o delírio se distingue precisamente por essa forma especial de discordância com a linguagem comum que é o neologismo. É um fenômeno de linguagem típico da psicose, diferente do que, na neurose, se chama de chiste, de ato falho, de sintoma neurótico e de sonho – manifestações associadas ao inconsciente neurótico.

Isso se vê no texto de Schreber como na presença de um doente. A significação dessas palavras que fazem vocês se deterem tem como prioridade remeter essencialmente para a significação, como tal. É uma significação que basicamente só remete a ela própria, que permanece irreduzível. O próprio doente sublinha que a palavra tem peso em

si mesma. Antes de ser redutível a uma outra significação, ela significa em si mesma alguma coisa de inefável, é uma significação que remete antes de mais nada à significação enquanto tal (Lacan, 1955-1956/1985, p. 43).

Se, na neurose, o segredo está sempre mantido por meio do recalque, o enigma da psicose é acessado mediante o neologismo. Como afirma Lacan (1955-1956/1985), “encontramos também no próprio texto do delírio uma verdade que lá não está escondida, como acontece nas neuroses, mas realmente explicitada, e quase teorizada”. Ou seja, enquanto na neurose a verdade permanece dissimulada, na psicose ela se apresenta de forma evidente, ainda que sob uma lógica própria. Para Lacan (1955-1956/1985), há dois tipos de fenômenos nos quais se projeta o neologismo: a intuição e a fórmula.

A intuição delirante caracteriza o primeiro momento em que o significante se impõe na experiência de forma original, o que tem para o sujeito um caráter submergente, inundante. A palavra de forma plena “lhe revela uma perspectiva nova, cujo cunho original e cujo sabor particular ele sublinha” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 44). É uma certeza subjetiva e imediata que o sujeito psicótico tem sobre algo, sem qualquer base lógica ou empírica para sustentá-la. Uma percepção instintiva e equivocada, vivida como uma “revelação”, em que o sujeito sente que tem um conhecimento profundo e absoluto, mas sem a mediação simbólica que ancoraria essa percepção à realidade objetiva. É marcada pela ausência de raciocínio lógico e pela impossibilidade de questionar ou integrar essa certeza ao universo simbólico compartilhado, levando o sujeito a viver com a sensação de uma verdade única e pessoal, mas completamente desconectada do mundo externo.

Há também uma segunda forma de apresentação do neologismo, que é em seu caráter repetitivo, quando a significação já não remete a mais nada, numa espécie de “fórmula do vazio” – que Lacan (1955-1956/1985) intitulou ritornelo. O conceito de ritornelo tem suas raízes na obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, mas é apropriado por Lacan para descrever uma repetição ou retorno de um elemento, uma imagem ou um som, que se torna um ponto de fixação para o sujeito psicótico, funcionando como uma forma de “âncora” que organiza e estabiliza seu mundo interno, à imagem de Schreber “quando fala da língua fundamental na qual ele foi introduzido por sua experiência. Ali, a palavra – com sua ênfase plena, como dizem a palavra do enigma – é a alma da situação” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 44).

Lacan vai tomar como exemplo a língua fundamental de Schreber – a mistura de alemão arcaico que ele utiliza para se comunicar com Deus e que lhe foi transmitida pelos raios divinos.

Os raios puros falam, eles são essencialmente falantes, há uma equivalência entre raios, raios falantes, *nervos de Deus*, mais todas as formas particulares que eles podem tomar, até e inclusive suas formas diversamente miraculosas, entre as quais as tesouras. Isso corresponde a um período em que domina o que Schreber chama a *Grundsprache*, espécie de alto alemão delicioso que tem a tendência de se exprimir por eufemismos e por antífrases – uma punição se chama, por exemplo, uma recompensa e com efeito a punição é, à sua maneira, uma recompensa (Lacan, 1955-1956/1985, p. 128).

Nessa citação, está indicado um dos tópicos mais marcantes no delírio de Schreber, isto é, sua relação com Deus – que configura um ponto de relativa afinidade nas leituras de

Freud e Lacan sobre o caso. No curso de seu terceiro seminário, Lacan usufrui da análise freudiana do caso Schreber e a utiliza em partes para construir sua própria teoria sobre as psicoses. Resumidamente, Freud (1911/2010) supõe ter encontrado o mecanismo que constitui a paranoia de Schreber: seria uma defesa que se ergueu contra o surgimento de uma libido homossexual extremamente difícil de processar. Esse conflito, por sua vez, teria se transformado em um delírio religioso e megalomaniaco, voltado para o deleite narcísico, permitindo uma saída satisfatória para as forças do eu. Nesse sentido, a aceitação da feminilidade reprimida torna-se viável ao ser deslocada para um contexto divino, no qual a submissão ao desejo de Deus passa a ser percebida como parte da ordem cósmica. Assim, a ideia de emasculação deixa de ser vivenciada como uma desgraça e passa a ser resignificada em um grande plano universal, no qual a recriação da humanidade decadente ganha sentido. Dessa maneira, a megalomania emerge como uma forma de compensação, enquanto a fantasia feminina de desejo se manifestou, permitindo que o Eu encontre uma solução aceitável para o conflito psíquico.

Todavia, Freud chega a outra constatação importantíssima que, além de elucidar o caso de Schreber, contribui para o estudo das psicoses ao apontar que, mais do que impulsos homossexuais na origem da enfermidade, há um conflito relacionado ao complexo paterno. Segundo ele, a disputa que Schreber vivenciou com seu médico Flechsig, que em última análise o conduziu ao seu embate com o divino, pode ser compreendida como a expressão de um conflito infantil com a figura paterna. Embora os detalhes específicos dessa relação não sejam conhecidos, Freud (1911/2010) sugere que foram justamente essas particularidades que influenciaram a construção do delírio do paciente.

Ou seja, no delírio de Schreber, a figura de Deus com a qual o paciente se encontra em conflito é vista por Freud como uma representação do pai do Complexo de Édipo, na sua função de suporte da Lei, de interdição do incesto e, acima de tudo, como porta-voz da ameaça de castração. Logo, além da hipótese de que o cerne da moléstia de Schreber seria decorrente de uma defesa contra sua homossexualidade latente, Freud complementa que “A mais temida ameaça do pai, a castração, realmente proporcionou o material para a fantasia-desejo de transformação em mulher, primeiro combatida e depois aceita” (Freud, 1911/2010, p. 49). Freud conclui que a mudança de homem para mulher é para Schreber a única saída perante o temor à castração paterna.

Essa é, entre as suposições de Freud (1911/2010) em *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia*, a interpretação de maior contribuição para Lacan – isto é, o delírio de Schreber pensado pelas lentes do complexo paterno. Sobre a leitura freudiana, Lacan diz que, Sejam quais forem certas fraquezas da argumentação freudiana a respeito da psicose, é inegável que a função do pai é tão exaltada em Schreber que não é preciso nada menos que Deus, o pai – e num sujeito para quem até então isso não tinha sentido algum – para que o delírio chegue a seu ponto de acabamento, de equilíbrio. A prevalência, em toda a evolução da psicose de Schreber, das personagens paternas que se substituem umas às outras, e vão sempre crescendo e se envolvendo umas às outras até se identificarem com o próprio Pai Divino, com a divindade marcada pela ênfase propriamente paterna, é inegável, inabalável. E destinada a nos fazer recolocar o problema – como

é possível que algo que dê tanta razão a Freud não seja abordado por ele senão sob certos modos que deixam a desejar? (Lacan, 1955-1956/1985, p. 353).

Freud e Lacan concordam que há uma associação crucial entre a figura do pai e Deus – questão de grande valor para a compreensão de todo o sistema delirante descrito por Schreber. Posto na versão lacaniana, o que está em jogo na fenomenologia da psicose é o encontro de Schreber com o significante paterno e uma impossibilidade estrutural de abordagem desse significante. O período pré-psicótico de Schreber é comparado por Lacan a um tamborete de três pés³. Por não ter completado o Édipo, o sujeito se equilibra nos três pés do tamborete, por meio de uma compensação do que no Édipo esteve ausente.

Nem todos os tamboretos têm quatro pés. Há os que ficam em pé com três [...]. É possível que de saída não haja no tamborete pés suficientes, mas que ele fique firme assim mesmo até certo momento, quando o sujeito, numa certa encruzilhada de sua história biográfica, é confrontado com esse defeito que existe desde sempre. Para designá-lo, contentamo-nos até o presente com o termo *Verwerfung* (Lacan, 1955-1956/1985, p. 237).

Teria sido mediante muletas imaginárias – entendidas por Lacan como recursos fantasiosos que servem como suporte compensatório na psicose – que Schreber, em seu tamborete de três pés, deu conta das primeiras décadas de sua vida, marcadas por várias conquistas intelectuais e profissionais. As muletas imaginárias representam tentativas de compensação psíquica do sujeito psicótico para lidar com a falta de uma mediação simbólica estável, que, no caso de Schreber, se manifesta de forma distorcida na relação com seu corpo, seus delírios e suas interações com Deus e o mundo.

No entanto, Lacan (1955-1956/1985) se questiona: “O que será que torna subitamente insuficientes as muletas imaginárias que permitiam ao sujeito compensar a ausência do significante?”. O que teria aberto a psicose do presidente Schreber? Ele explica que seria na medida de um certo apelo ao qual o sujeito não pode responder, o qual produz “uma abundância imaginária de modos de seres que são outras tantas relações com o outro com a minúsculo, abundância que suporta um certo modo da linguagem e da fala” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 297, ver também p. 353). Esse encontro com o significante marcaria a entrada na psicose.

Vejam em que momento de sua vida a psicose do presidente Schreber se declara. Mais de uma vez, ele esteve em situação de esperar tornar-se pai. Ei-lo a um só tempo investido de uma função considerável socialmente, e que tem muito valor para ele – ele se torna presidente no Tribunal de Apelação. [...] Ei-lo introduzido no ápice da hierarquia legisladora, entre homens que fazem leis e que têm todos mais vinte anos que ele – perturbação da ordem das gerações. Em virtude de quê? De uma convocação expressa dos ministros. Essa promoção de sua existência nominal solicita dele uma integração

3 Apesar de, na época, Lacan utilizar noções deficitárias para falar da psicose, sempre partindo de uma noção de falta, as mudanças em seu ensino ao longo do tempo problematizam esse entendimento. Lacan, em momentos posteriores, irá se distanciar dessa perspectiva, enfatizando que a psicose não pode ser entendida apenas como uma falha ou ausência, mas como uma estrutura que opera de maneira própria no campo simbólico.

renovadora. Trata-se afinal de contas de saber se o sujeito se tornará, ou não, pai. É a questão do pai, que centra toda a investigação de Freud, todas as perspectivas que ele introduziu na experiência subjetiva (Lacan, 1955-1956/1985, pp. 359-360).

É de comum acordo entre Freud e Lacan que o cargo no Tribunal de Apelação, ainda que almejado por Schreber, era algo impossível de ser ocupado, por se tratar de um trabalho que comumente era exercido por homens mais velhos. E, na contextualização de sua incapacidade de gerar um filho, o esperado descendente que carregaria o sobrenome Schreber, esse cenário é agravado.

Qual é o significante que é posto em suspenso em sua crise inaugural? É o significante *procriação* em sua forma mais problemática, aquela que o próprio Freud evoca a propósito dos obsessivos, que não é a forma *ser mãe*, mas a forma *ser pai*. [...] O presidente Schreber está falto, segundo o que se sabe, deste significante fundamental que se chama *ser pai*. Por isso é preciso que ele cometa um erro, que ele se embrulhe, até pensar estar ele próprio prenhe como uma mulher. Foi preciso que ele próprio se imaginasse mulher, e realizar numa gravidez a segunda parte do caminho necessário para que, adicionando-se um ao outro, a função *ser pai* seja realizada (Lacan, 1955-1956/1985, pp. 329-330, grifos do autor).

O Deus de Schreber é para Lacan uma metáfora privilegiada para o grande Outro, o Outro simbólico, a personificação suprema da lei – daí a experiência profundamente carnal do delírio hipocondríaco em que se expressa o conflito. Vale lembrar que, com o início da condição de Schreber, há também uma grave perturbação de sua experiência corporal: seus pulmões são reabsorvidos, seus órgãos genitais liquefeitos, o esôfago e o intestino volatilizados, o osso da calota craniana pulverizado e, mais de uma vez, ele engole a própria traqueia. Assim ele retrata esse período: “Eu sou o primeiro cadáver leproso e conduzo um cadáver leproso” (Schreber, 1905/1984, p. 76).

A questão do corpo é tão dominante que, mesmo com o posterior direcionamento para uma organização paranoica de tema religioso, Schreber ainda sofria violentas alucinações corporais. Ele descreve rituais em que fita sua imagem no espelho e adorna-se com o peito nu. Relata observar no espelho a mudança no seu corpo para a condição de mulher. Essas sensações corporais parecem ser uma tentativa de conciliação pela ideia delirante de que era preciso – para salvar a humanidade – ser transformado em mulher de Deus. Tal ideia delirante ganha em certo momento o estatuto de uma metáfora delirante, que produz estabilização por um período, momento em que pôde dedicar-se à escrita de suas *Memórias*...

Para efeito de explicação, a metáfora delirante surge no contexto da psicose como uma tentativa do sujeito de substituir algo que não foi simbolicamente inscrito ou que se perdeu no campo do significante. No delírio, há uma substituição de um significante ausente por outro, de maneira que se cria um novo sentido, mas que é distorcido. A metáfora delirante é a forma como o sujeito psicótico tenta substituir a falta de significantes fundamentais, como o pai ou a Lei, com uma metáfora que, embora não seja racional – como se transformar em mulher para redimir a humanidade – permite ao sujeito dar sentido ao que é incompreensível ou insuportável no seu campo simbólico.

De que corpo se fala na psicose?

Aqui se chega ao ponto central deste trabalho: afinal, como se poderia falar de uma experiência simbólica do corpo na psicose? Não se deve esquecer de que o percurso elaborativo feito por Lacan em seu terceiro seminário se desenrola por uma via de ênfase no simbólico, o que, em última análise, serve como uma bússola para a apreciação dessa pergunta. Mas, antes disso, é preciso voltar à noção de uma experiência imaginária do corpo no que concerne ao seu desenvolvimento – um corpo despedaçado, sem contorno e, de certa maneira, estranho, que se constitui desde a alienação de sua imagem e a imagem do outro. Essa dimensão do estranhamento é a mesma do Estágio do Espelho, que culmina num eu virtual que não representa o sujeito tal como é, mas como uma figura homogênea advinda do meio externo, distinta da ambiguidade pulsional e do corpo desorganizado em suas partes.

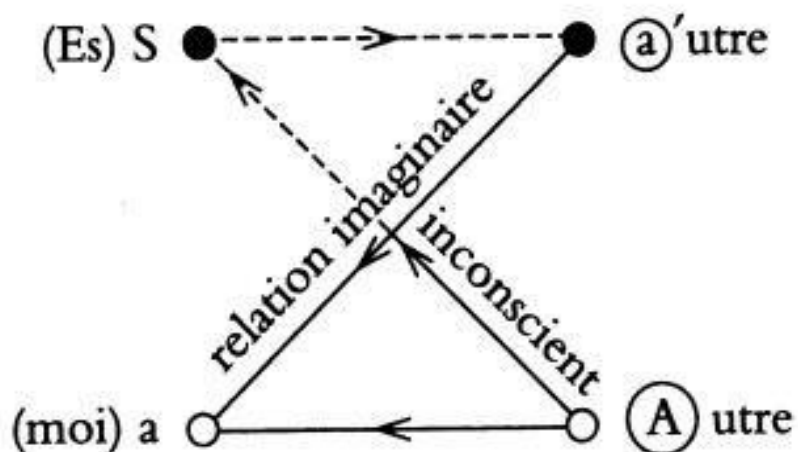
Essa formação primitiva da qual se deriva o eu – em sua condição de elemento cuja confecção é extrínseca – é como a reedição de um fenômeno análogo ao delírio paranoico: surge um eu, mas que se aliena à exterioridade da forma/imagem de seu corpo. A paranoia desponta como o mecanismo mais universal do eu que se compõe nessa primeira identificação, a qual encapsula o sujeito continuamente ao longo de sua trajetória – e que, nesse paradigma, não pode trazer ao indivíduo senão a enfadonha discrepância entre o corpo orgânico e a imagem do corpo, alienada ao outro na relação imaginária. Essa é a base do conhecimento paranoico, que tem como fundamento a identificação primeira do Estágio do Espelho como formadora do eu como outro. Tudo isso é levado às últimas consequências na psicose, na medida em que se vê como a relação com a alteridade e com o próprio corpo se desenlaça nos fenômenos delirantes e invasivos associados à sintomatologia desses casos. Não surpreende que na autobiografia de Schreber não faltam imagens do corpo despedaçado.

Abrindo um parêntese, cabe comentar novamente como Lacan diferencia as duas formas clínicas da psicose – a esquizofrenia e a paranoia. O conceito freudiano de narcisismo vai servir como baliza para que Lacan estabeleça uma demarcação para a regressão experimentada na esquizofrenia como corpo despedaçado (anterior à identificação de uma imagem tomada como matriz simbólica do eu), e também para a paranoia, em que o sujeito é aprisionado em uma relação com a imagem especular e detém-se identificado com o seu eu (na alienação imaginária a e a'). Na análise do caso Schreber, verifica-se a presença de ambas as condições clínicas, ainda que a enfermidade tenha se organizado sobretudo numa paranoia. Seus sintomas, que não eram poucos, são compreendidos por Lacan no interior de sua estrutura psicótica: Schreber era hipocondríaco, mas sua hipocondria estava inserida no todo de sua transformação corporal, essencial na construção de seu delírio paranoico.

Retornando à questão do eu e do corpo, anos depois de idealizar sua teoria do Estágio do Espelho, Lacan vai progressivamente refinando sua proposta de constituição do eu, agora baseado em instrumentais bastante específicos, notadamente nos que advêm do estruturalismo e da linguística. Ele adiciona que a imagem precisa de um aparelho simbólico – o que culmina na formulação do Esquema Óptico. Sucintamente, esse esquema se traduz na concepção de que, antes que possa se apropriar da imagem refletida, a criança volta seu olhar à mãe, que exerce o papel de grande Outro ao legitimar simbolicamente o valor dessa

imagem, intervindo na relação narcísica do bebê com seu pequeno outro no espelho. O corpo do bebê é uma construção feita a partir de algo que provém da mãe e sua função simbólica – e desse momento em diante é igualmente subordinado aos símbolos.

Figura 3. O Esquema Óptico



Fonte: Lacan (1953-1954/1986).

É nessa passagem do corpo despedaçado do autoerotismo, ou seja, na passagem do eu especular e imaginário para o campo do grande Outro, que Lacan vai discutir a temática da corporeidade nas psicoses. Como foi evidenciado, sob a óptica lacaniana, é função do Nome-do-Pai, como significante primordial, sustentar a imagem do corpo, como também ordenar aquilo que é concebido pelo sujeito como corpo próprio. Sabe-se que, na psicose, não se realiza essa inscrição em decorrência da forclusão do Nome-do-Pai, o que gera toda a problemática voltada para a aquisição de um corpo próprio e de um eu corporal. Isto é, como a libido que retorna para o corpo na psicose não está apoiada em uma matriz simbólica de um corpo imaginário, a experiência que se tem é de um corpo despedaçado, descrito de modo exemplar por Schreber em suas *Memórias...* Como Lacan (1955-1956, p. 294, grifos do autor) formula, “Sem dúvida alguma vocês devem acabar por se dizerem – *Afinal de contas, não sabemos que, nas significações que orientam a experiência analítica, esse significante é dado pelo corpo próprio?*”.

Se a relação com o próprio corpo é mediada pelo significante, e vai ser construída a partir da alteridade, da identificação e da relação com os objetos, o sujeito psicótico está impossibilitado de, por meio do simbólico, fazer uma distinção clara entre imaginário e real. Daí se mostra necessário lançar mão de mecanismos que darão maior consistência à existência do sujeito, como as muletas imaginárias e a metáfora delirante. Mesmo o delírio vai, na maioria dos casos, se adaptar, caminhar na direção da reconstituição de uma suplência à falha do significante paterno, mesmo que essa reconstituição também possa ruir posteriormente, quando confrontada com uma nova situação que exponha a sua fragilidade – como Lacan prevê em sua alegoria do tamborete de três pés.

A título de exemplo, o mês de novembro de 1895 é indicado pelo próprio Schreber como a época em que se produziu o nexa entre a fantasia de emasculação e a ideia de ser redentor – e, desse modo, preparou-se o caminho para uma conciliação com a primeira. Lacan se debruça sobre essa intrincada solução encontrada por Schreber, que passa pela metáfora delirante – a ideia de se tornar mulher para copular com Deus e dar ao mundo uma nova raça de schrebianos. Trata-se de um apaziguamento pela beatitude que reorganiza o campo de realidade, diminuindo também a hiância entre os registros imaginário e simbólico. Desse jeito, a metáfora delirante seria uma saída cuja função é de estabilização. Seguindo essa linha de argumentação, pode-se dizer que o delírio é uma forma de resposta do sujeito ao confronto com o real, quando não é possível uma intermediação do aparelho simbólico. O real do corpo ganha, assim, uma significação, tal como ocorre com Schreber, que faz uma passagem de sintomas hipocondríacos e vivências do corpo despedaçado para uma paranoia, que oferece uma unidade corporal forjada por um sentido delirante.

A partir do que chamo a badalada de anúncio da entrada na psicose, o mundo soçobra na confusão, e podemos seguir passo a passo como Schreber o reconstruiu, numa atitude de consentimento progressivo, ambíguo, reticente, *reluctant*, como dizem os ingleses. Ele admite pouco a pouco que a única forma de sair disso, de salvar uma certa estabilidade em suas relações com as entidades invasoras, desejantes, que são para ele os suportes da linguagem desencadeada de sua algazarra interior, é a de aceitar sua transformação em mulher. Não vale mais, depois de tudo, ser uma mulher de espírito que um homem cretinizado? Seu corpo é assim progressivamente invadido por imagens de identificação feminina às quais ele abre a porta, deixa apoderar-se, faz-se possuir por elas, remodelar. Há em alguma parte, numa nota, a noção de deixar as imagens entrarem dentro dele. E é a partir desse momento que ele reconhece que o mundo não parece aparentemente ter mudado a tal ponto desde o início de sua crise – retorno de um certo sentimento, sem dúvida problemático, da realidade (Lacan, 1955-1956/1985, p. 290).

Conforme já visto, Lacan considera que é no registro da fala que se explica toda a riqueza da fenomenologia da psicose. Ele propõe que, assim como qualquer discurso, “um delírio deve ser julgado em primeiro lugar como um campo de significação que organizou um certo significante” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 141). Contudo, ele se questiona: de onde esse discurso é extraído? Responde ele: do próprio corpo. Assim dizendo, o corpo parece oferecer, num certo nível, a possibilidade de nomeação desse discurso. O corpo é suporte do discurso, mesmo que esse discurso seja o discurso do alienado.

Já que se trata do discurso, do discurso impresso do alienado, que estejamos na ordem simbólica é, portanto, indiscutível. Posto isso, qual é o material mesmo desse discurso? [...] *De maneira geral, o material é o próprio corpo.* A relação ao corpo próprio caracteriza no homem o campo, afinal de contas, reduzido, mas verdadeiramente irreduzível do imaginário. [...] Essa relação, sempre no limite do simbólico, só a experiência analítica permitiu apreendê-la em suas últimas instâncias. Eis o que nos demonstra a análise simbólica do caso de Schreber. Só pela porta do simbólico é que se consegue penetrá-lo (Lacan, 1955-1956/1985, pp. 19-20, grifos nossos).

Considerações finais

Existe, no sujeito falante, na sua gênese, uma descontinuidade entre o ser, como ficção, e o sujeito – tal qual entre o sujeito e o próprio corpo. O saber a respeito de si mesmo e de seu corpo, no caso da neurose, mantém-se relativamente firme e sustentado pelo significante primário. Porém, no caso da psicose, a falta desse significante fragiliza ainda mais a relação disjunta entre o sujeito e o seu corpo, que passa a depender de outros dispositivos e suplências para dar conta do real que se apresenta de modo avassalador em algumas experiências corporais.

Na psicanálise promovida por Lacan durante a primeira metade da década de 1950, o conceito do Nome-do-Pai ocupa um lugar central por sua função simbólica e estruturante. Esse termo não se refere exclusivamente ao pai biológico, mas à figura simbólica que representa a Lei, a autoridade e a interdição. Ele é considerado um “significante mestre” porque organiza e hierarquiza os outros significantes no campo simbólico do sujeito.

A função do Nome-do-Pai está intimamente ligada à aquisição de um estatuto de corpo pelo sujeito. Antes da intervenção dessa instância simbólica, o indivíduo vive uma experiência marcada pela fragmentação do *corps morcelé*, característica da fase inicial de desenvolvimento descrita por Lacan no Estágio do Espelho. Nesse momento, a criança ainda não tem uma imagem unificada de si mesma, o que gera a sensação do corpo despedaçado. A introdução do Nome-do-Pai é o que permite ao sujeito organizar simbolicamente seu corpo, estabelecendo limites e promovendo a percepção de si como uma unidade integrada.

Mais do que uma simples estruturação do corpo, a intervenção do Nome-do-Pai também é essencial para a constituição da subjetividade. Ao se inserir no campo simbólico, o sujeito passa a articular seus desejos e relações com o mundo por meio da linguagem, mediada por esse significante. Assim, o Nome-do-Pai é o que possibilita ao indivíduo sair do caos pulsional inicial e entrar em uma dinâmica simbólica na qual o desejo e a Lei coexistem. Essa transição não apenas organiza a experiência do sujeito, mas também fundamenta sua interação com o outro e com a cultura. Por isso, quando essa instância simbólica não se estabelece de forma adequada, o sujeito enfrenta impasses na estruturação de sua identidade e na distinção dos limites entre si mesmo, o outro e o mundo.

Com base no caso Schreber, Lacan (1955-1956/1985) conclui que os sintomas e fenômenos que envolvem o sujeito psicótico e sua relação com o corpo podem ser compreendidos como tentativas de estabilização diante das dificuldades impostas pela ausência de uma inscrição simbólica estruturante. Nesse contexto, Schreber emerge como uma ilustração exemplar dessas manifestações, demonstrando como esses esforços funcionam como uma suplência à insuficiência do significante paterno, evidenciando os desafios enfrentados quando o aparelho simbólico não consegue operar plenamente como mediador da experiência subjetiva.

Chega-se a duas conclusões principais: a primeira é que o corpo, para Lacan, nesse momento específico de sua produção, é aquele que sofre a ação de uma inscrição em decorrência da entrada da linguagem; a segunda é que, na psicose, essa inscrição não ocorre. Sob essa perspectiva, evidentemente, Lacan rejeita qualquer explicação de natureza orgânica para os fenômenos psicóticos. Em vista disso, tece-se a crítica de que, na tese lacaniana da

psicose (em especial como se encontra no terceiro seminário), há uma postura em essência antinaturalista – atitude que, visando preservar a especificidade do mundo humano, acaba por desumanizá-lo num grau ainda mais elevado do que o reducionismo organicista ao qual pretendia se opor. Aqui se tem um ponto de partida para uma discussão crítica da postura lacaniana diante do problema da corporeidade psicótica. A abordagem da corporeidade restrita às suas dimensões imaginárias e simbólicas levanta o problema do corpo real para Lacan, que vai desenvolver mais refinamentos teóricos nos anos seguintes para tentar contornar essa questão.

Mesmo uma leitura atenta do seminário das psicoses leva a crer que já existe um movimento, ainda que de modo incipiente, de articular o registro do real no pensar da estrutura psicótica. Lacan foi a cada lição destacando o papel, na psicose, da falta de um significante primordial, o Nome-do-Pai, e como, quando essa rejeição se produz e a metáfora paterna falha, os significantes são foracluídos e retornam de fora pela via do real – como é o caso dos fenômenos alucinatórios e delirantes vistos em Schreber. Nesse sentido, Lacan se ocupou em conjecturar o inconsciente na psicose como aquilo que retorna no real. Naturalmente, o conceito de real aqui é ainda embrionário, mas pode-se observar que desde já Lacan procura uma articulação entre os três registros. Ao que parece, essa articulação se tornará cada vez mais fundamental para se pensar a corporeidade em Lacan.

Por último, sobre Daniel Paul Schreber, que passou 13 anos de sua vida em sanatórios psiquiátricos, terminando seus dias demenciado e internado, pode-se dizer que talvez nunca tenha correspondido ao modelo de cidadão ilustre que seu pai ansiava. Entretanto, ele atingiu a imortalidade que os Schreber sempre requisitaram, sendo tardiamente consagrado como um cativante escritor modernista. Ao publicar o livro *Memórias de um doente dos nervos*, Schreber (1905/1984) trouxe grandes contribuições para o cenário científico que se estende até os dias atuais, possibilitando a produção de várias análises que discutiam e ainda discutem questões sobre sua vida e seu adoecimento. A proliferação de livros e artigos posteriores dedicados a Schreber, que não dá sinais de arrefecimento, atesta a força e a produtividade reveladoras de sua transmissão.

Referências

- Carone, M. (1984). Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura. In Schreber, D. P. *Memórias de um doente dos nervos*. (Vol. 5, pp. 7-19). Rio de Janeiro: Edições Graal. (Trabalho original publicado em 1905).
- Caropreso, F. & Simanke, R. T. (2006). A linguagem de órgão esquizofrênica e problema da significação na metapsicologia freudiana. *Revista de Filosofia da PUC-PR*, 18(23), 105-128.
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In Freud S. *Obras completas*. (Vol. 14, pp. 161-239, P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2010). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (*Dementia paranoides*) relatado em autobiografia. In Freud S. *Obras Completas*. (Vol. 10, pp. 13-107). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911).

- Lacan Circle of Melbourne (2013). *Biographical and Historical Background to Freud's Schreber Case*. Recuperado em 12/05/2025 em: <<https://melbournelacanian.wordpress.com/2013/05/25/biographical-and-historical-background-to-freuds-schreber-case/>>
- Lacan, J. (1985). *O Seminário. Livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (1986). *O seminário: Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original de 1953-1954).
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In Lacan J. *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Schreber, D. P. (1984). *Memórias de um doente dos nervos* (Vol. 5, M. Carone, Trad.). Rio de Janeiro: Edições Graal. (Trabalho original publicado em 1905).
- Simanke, R. T. (2002). *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. Curitiba: Editora UFPR.

The concepts of body and psychosis in the psychoanalysis of Jacques Lacan

Abstract

The body is a recurring theme in Lacanian theory, in which the subject's relationship with its body is mediated by both the image and the signifier. This complex dynamic is articulated in two pivotal moments of Lacan's teaching. Firstly, his mirror stage theory posits the image as the primary operator of the body's subjectivation, situating the subject's constitution predominantly within the imaginary register. Later, Lacan shifts emphasis to the symbolic register, where the signifier becomes the paramount mediator of the subject's relationship with its body, now conceived primarily as a support for the inscriptions of the letter. This research examines the concept of the body in Lacan's theorization of psychosis, drawing on his analysis of the Schreber case. This case is chosen for its instrumental role in developing Lacan's theory of psychosis and the prominence of bodily symptoms in its clinical presentation. The study adopts a theoretical-conceptual approach, focusing on Lacan's third seminar (1955-1956) and his interpretation of Schreber's memoir. Through this analysis, Lacan argues that the symptoms and phenomena involving the psychotic subject and its body can be understood as attempts at stabilization, compensating for the absence of the paternal signifier when symbolic mediation is unattainable.

Keywords: Body, Psychosis. Lacan. Schreber.

Le corps et la psychose dans la lecture lacanienne du cas Schreber

Résumé

La thématique du corps est un sujet récurrent dans la théorie lacanienne. La relation du sujet avec le corps, pour Lacan, est doublement médiatisée par l'image et par le signifiant, comme cela s'exprime à deux moments emblématiques de son enseignement. Dans un premier temps, dans la théorisation du stade du miroir, le principal opérateur de la subjectivation du corps est l'image, et la constitution du sujet est pensée principalement dans le registre de l'imaginaire. Dans un second temps, Lacan privilégie le registre du symbolique, et le signifiant devient le médiateur par excellence de la relation du sujet avec le corps, désormais conçu avant tout comme un support pour les opérations de la lettre. Dans ce contexte, l'objectif de cette recherche est de réfléchir à la question du corps dans la théorisation des psychoses à partir de la lecture que Lacan fait du cas Schreber. Le cas Schreber a été choisi en raison de sa pertinence dans l'élaboration de la théorie lacanienne des psychoses et aussi en raison de l'importance des symptômes corporels dans la symptomatologie du cas. Cette investigation,

de nature théorique-conceptuelle, analyse essentiellement le troisième séminaire de Lacan, en mettant en avant sa lecture et son interprétation du livre de mémoires de Schreber au fil du séminaire, ainsi que sa reprise et sa critique de l'approche freudienne. À partir du cas Schreber, Lacan conclut que les symptômes et phénomènes impliquant le sujet psychotique et son corps peuvent être conçus comme des tentatives de stabilisation, qui suppléent au manque du signifiant paternel lorsqu'une médiation par l'appareil symbolique n'est pas possible.

Mots-clés: Corps, Psychose, Lacan, Schreber.

Cuerpo y psicosis en la lectura que hace Lacan del caso Schreber

Resumen

La temática del cuerpo es un asunto bastante recurrente en la teoría lacaniana. La relación del sujeto con el cuerpo, para Lacan, está doblemente mediada por la imagen y por el significante, tal como se expresa en dos momentos emblemáticos de su obra. En un primer momento, en la conceptualización del estadio del espejo, el principal operador de la subjetivación del cuerpo es la imagen, y la constitución del sujeto se concibe, sobre todo, en el registro de lo imaginario. En un segundo momento, Lacan privilegia el registro de lo simbólico, y el significante se convierte en el mediador por excelencia de la relación del sujeto con el cuerpo, ahora concebido, ante todo, como soporte para las operaciones de la letra. En este contexto, el objetivo de esta investigación es reflexionar sobre la cuestión del cuerpo en la teorización de las psicosis, a partir de la lectura que Lacan realiza del caso Schreber. El caso Schreber fue elegido por su relevancia en la formulación de la teoría lacaniana de las psicosis y también por el protagonismo que tienen los síntomas corporales en la sintomatología del caso. Esta investigación, de carácter teórico-conceptual, analiza esencialmente el tercer seminario de Lacan, haciendo especial énfasis en su lectura e interpretación del libro de memorias de Schreber a lo largo del mismo, y en su retomada y crítica del enfoque freudiano. A partir del caso Schreber, Lacan concluye que los síntomas y fenómenos que involucran al sujeto psicótico y su cuerpo pueden concebirse como intentos de estabilización que suplen la falta del signifiante paterno cuando no es posible una mediación del aparato simbólico.

Palabras clave: Cuerpo, Psicosis, Lacan, Schreber.

Recebido em: 04/06/2024

Revisado em: 15/02/2025

Aceito em: 25/02/2025